

FEMINISMO E RECOMPOSIÇÃO DA ESQUERDA

CHRISTINE DELPHY

Se for perguntado que papel pode ou deve desempenhar o feminismo na recomposição da esquerda convem primeiro examinar os limites da própria pergunta. Falar do feminismo na recomposição da esquerda implica que o primeiro termo está numa relação de inclusão ao menos potencial com referência ao segundo mesmo que as modalidades dessa inclusão ainda precisem ser definidas. Mas pelos mesmos motivos supõe-se que antes da inclusão, o feminismo e a esquerda mantem uma relação de exterioridade.

Toda relação tem de ser mútua mas nem sempre o é assim como as mulheres são consideradas 'diferentes' (sem que seja dito de quem tão evidente isso parece a todos) também e o feminismo que está fora sem ser preciso dizer que a esquerda qualquer que seja sua situação ate meio aliada sempre está 'dentro'.

Mas, antes de examinar os problemas estruturais contidos nesta pergunta queremos anunciar que uma solução estrutural está em vias de experimentação e de teorização. Ela consiste em mostrar a necessidade para qualquer instancia de decisão bancada política de um partido banca de concurso organismo profissional parlamento etc - de uma paridade dos dois sexos paridade em números e de princípio segundo o modelo metade metade ou então nada.¹ A experiencia do Partido Verde alemão é bastante expressiva foi talvez o unico sucesso político desta ultima decada em todo o mundo ocidental e também o unico partido que adotou uma paridade rigorosa. O que merece reflexão.

Vamos tentar destrinchar o problema da relação entre feminismo e esquerda tal como chega ate nos isto é herança de um seculo e meio de mal entendidos. Antes de mais nada vamos examinar os termos em si

¹ LE DOEUFF M. *Nouvelles Questions Feministes* v 13 n°1 1992

Nenhum tem sentido claro e unívoco por motivos diversos. O que quer dizer feminismo e o que quer dizer recomposição da esquerda?

A palavra feminismo tem no mínimo três significados ou três universos de referência possíveis. É uma filosofia ou uma série de opções morais e políticas, estas podem ser apresentadas por uma ou um indivíduo(o) ou em certas épocas não serem apresentadas sem com isso deixar de existir no universo das ideias. É fundamentalmente um movimento social, ora numeroso e visível, ora recolhido. Enfim, para muitos significa apenas as mulheres. Apenas ou aparentemente apenas, porque essa evidência da existência das mulheres ou melhor, do que constitui as mulheres em grupo ou em categoria política pertinente e uma questão não resolvida no plano teórico, algumas baseando as categorias de gênero numa filosofia ontológico-biológica (A diferença), filosofia ultrapassada no que se refere a dominação de classes e até a de raças, outras nas quais me incluo baseando essa pertinência numa comunidade de destino e portanto de interesses numa diferença historicamente formada entre os dois sexos.

Essas três acepções estão ligadas e não se pode escolher uma excluindo as outras duas. Vamos aqui falar sobretudo do movimento social, mas sem esquecer que ele está intimamente ligado ao conjunto segundo o qual a sujeição de um sexo ao outro é inaceitável. A discussão começa com a pergunta: até onde a sujeição é aceitável ou o que dá na mesma em que consiste a sujeição?

Quanto a recomposição da esquerda trata-se de um objeto ilusório. Não é a esquerda, senão a pergunta: se o feminismo na esquerda. Mas também não deixa de ser a esquerda. É um objeto decomposto, senão não se falaria de recomposição e que não vai ser criado do nada, senão também não se falaria de recomposição.

O feminismo e a esquerda *je t'aime moi non plus*

As relações do feminismo com os movimentos de ideias e com os movimentos institucionais que há um século e meio são chamados de esquerda não são simples. A nova história feminista está estudando essas relações e ainda não pode talvez nunca consiga chegar a uma conclusão geral e unívoca desse estudo. Existem porém constantes verificadas na história recente e nas circunstâncias da emergência do segundo movimento feminista do século, nos anos 1970. A breve menção que faremos aqui será forçosamente subjetiva e parcial.

Em 1970 quando foi criado, após décadas de inorganização das mulheres como tais, um novo movimento de mulheres, seja na França ou em outros países ocidentais, a esquerda e mais exatamente a extrema esquerda, foi ao mesmo tempo o interlocutor privilegiado e o principal inimigo.²

² DELPHY C. L'Ennemi Principal *Partisans*, nº especial *Liberation des Femmes*, ano 0, nov. 1970.

A maioria das centenas de mulheres que começam a reunir-se ou a falar de libertação vem da extrema esquerda. Se já não pertencem mais a essas organizações, concordam com seus pontos de vista, com exceção da questão da mulher, que depois de anos de reflexão, elas deixaram de considerar como a esquerda a considera como um pormenor.

Nos Estados Unidos, quase todas as primeiras feministas tinham um longo passado militante, tanto no movimento pelos direitos civis dos negros como na resistência à guerra do Vietnã. Há dez anos vinham lutando por justiça para as minorias e contra o imperialismo. Tera sido de repente ou pouco a pouco que elas perceberam a ironia da situação: estavam sendo exploradas na luta contra a exploração e em nome dessa luta? E a síndrome do colonizado, paradoxo tão bem destacado pelos vietnamitas e pelos argelinos que se manifesta e com o país ou com o sexo colonizador que aprendemos os valores que ele não nos aplica e que retornamos então contra ele. Na França, a participação no movimento de 68 foi o fator que desencadeou o renascimento feminista e como nos Estados Unidos foram a lógica e os termos da extrema esquerda que as feministas devolveram a esta. Por tal motivo e também porque na época as lutas antiimperialistas estavam em primeiro plano, as feministas se viram mais até do que se **conceberam** como um **povo** oprimido. Isso nunca foi dito, talvez nem tenha sido explicitamente pensado, mas a palavra libertação, absolutamente inédita na história do feminismo, aí está para mostrar quanto a referência às lutas de libertação nacional que foram a principal experiência dessa geração de herdeiros do colonialismo e o paradigma mais poderoso. Esse paradigma ou metáfora instrumental para a confecção de um sentimento de solidariedade de gênero entre as mulheres, tem inconvenientes: contém os germes de um nacionalismo cultural ou até territorial, favorece o particularismo às custas do universalismo. Foi o que permitiu os desvios de identidade e o cortejo de horrores de guerras pseudo éticas ou pseudo religiosas que ensanguentam a África, o Oriente Médio e atualmente a Europa. Esses desvios de identidade sejam eles no início defensivos, como no caso das lutas de libertação nacional ou desde logo uma busca não velada de hegemonia de um grupo, como nos separatismos iugoslavos, ou estejam num ponto intermediário, como no caso dos países bálticos, sempre terminam na violação da democracia e dos direitos humanos³.

Eles não poupam, porém, a discussão política ocidental, nem o feminismo, pois essa tentação geral e especialmente viva nos grupos aos quais o pleno estatuto de humano continua a ser negado, grupos que podem ser tentados a contornar esse obstáculo fundando sua revolta numa análise que evita o confronto direto com aqueles que lhes negam a humanidade. Em 1930, nos Estados Unidos, foi um negro quem inventou o *slogan* de igualdade na diferença para fazer progredir sua raça, como se dizia na época, sem ferr

³ Cf. ATKINSON, T. G. & DELPHY, C. *Nouvelles Questions Feministes* n° 6-7. Les Femmes et l'Etat.

as convicções racistas enraizadas na mente da maioria branca. A tentação de reivindicar direitos de forma condicional por causa da especificidade da mulher e não de forma absoluta a fim de impedir a negação dos direitos e uma constante histórica do movimento feminista através dos tempos⁴

Assim e pela ruptura com a extrema esquerda que começa o movimento feminista. Não uma ruptura qualquer mas a ruptura do desencantamento da decepção. Os homens de esquerda não estão à altura daquilo que dizem. Não se pode confiar neles e se não é possível confiar neles a respeito dessa questão sua sinceridade torna-se discutível e sua credibilidade fica prejudicada em qualquer domínio. Mas sempre em nome dos mesmos valores. Apenas não se pode mais atribuir aos homens a capacidade de por em prática esses valores. As feministas realizam pois uma cisão de esquerda e se percebem logicamente como as verdadeiras portadoras dos valores da extrema esquerda.

Tal posição não é nova na história das relações entre feministas e organizações políticas. Regularmente no decorrer dos dois últimos séculos da história ocidental feministas denunciaram a traição dos partidos de esquerda a seu próprio ideal no tocante à questão da mulher.

Na França na realidade cotidiana do movimento que está se formando as coisas não são simples a ruptura com as organizações está consumada para a ala radical das feministas mas não o está para a tendência luta de classes que quer fazer avançar suas organizações e vai deparar nessa tentativa com várias dificuldades. Será possível efetiva e eficazmente fazer evoluir uma organização um partido um sindicato estando dentro dele? É uma discussão que vai além da extrema esquerda e até da esquerda.

As mulheres que estão nos partidos sabem embora quase nunca o reconheçam⁵ que sem a pressão das feministas de fora não conseguiriam nenhuma relação de forças a seu favor no partido. Por outro lado elas constituem um ponto de apoio para as feministas independentes que não fazem parte do jogo político institucional e não podem transformar em propostas concretas sustentadas por grupos e congressistas suas ideias de reforma. Os dois papéis podem ser vistos como duas etapas ambas necessárias de um mesmo processo que norteia a reflexão a ser um dia transformada em fatos. São portanto igualmente indispensáveis. Esses dois papéis não podem ser desempenhados pelas mesmas pessoas pois a unidade do processo não apenas está escondida mas as pessoas implicadas em cada etapa são levadas a se ver como antagonistas ao passo que as funções que elas preenchem podem ser tidas como objetivamente complementares.

Essa visão que é defensável e corresponde em grande medida aos fatos coloca os dois papéis em pé de igualdade e por isso questiona a rejeição aos partidos sobre a qual fundou-se historicamente o novo movimen

⁴ Cf DELPHY C. *Nouvelles Questions Feministes* v 1991 n° 16 17 18

⁵ Ver SINEAU M. *Nouvelles Questions Feministes* v 13 n° 1 1992

to feminista dos anos 1970 Mas haveria uma verdadeira simetria nessa complementaridade dos papeis terão eles o mesmo peso? Cabe a pergunta e pode se ate afirmar que sem a rejeição inicial dos partidos e sem a existencia de um movimento independente as feministas nao teriam voz nos partidos - e elas têm pouca alem de que talvez nao fossem abertamente feministas O segundo papel e menos importante que o primeiro pela simples razão de que o segundo pressupõe o primeiro ao passo que o inverso nao e verdadeiro

A independencia do movimento feminista e necessaria a ação feminista isso vale para todos os periodos historicos ate hoje Mas essa verdade supoe duas condições 1) que o movimento feminista exista porque para ser independente ele precisa primeiro existir 2) que os partidos grupos e organizaçoes da esquerda capaz de se recompor senão recomposta estejam de acordo consigo mesmos isto e estruturados por uma hegemonia masculina ao mesmo tempo formados essencial ou unicamente por homens que persistem em recusar a problematica feminista ou seja persistem em ignorar com falsa serenidade e verdadeira obstinação a opressão sofrida por metade da humanidade

Não ha motivo para pensar que os componentes da virtual nova esquerda e sobretudo os componentes mais fortes tenham mudado Alias se tivessem mudado caberia a **questão** do feminismo? Se o feminismo fizesse parte do estoque das ideias sedimentadas da esquerda a questão de seu **lugar** teria cabimento?

Ora pode se constatar que o feminismo depois de muito anos continua praticamente desconhecido no batalhão da esquerda Para este e a maioria de suas tropas se houve um problema das mulheres ja foi resolvido se ha ainda algum resume se para os dirigentes e os militantes no aborto e na contracepção E não podem falar disso nao e problema deles então convidam uma mulher para falar do assunto Identificam se mais espontaneamente com o povo da Etiopia que nunca viram ou com os operarios que eles nao são do que com as pessoas com as quais costumam partilhar mesa e casa

Na França tanto a esquerda quanto a direita recusam se obstinadamente a usar o que e norma em todas as linguas internacionais como no ingles no espanhol etc a expressão consagrada direitos humanos insistem na expressão direitos do homem considerada em todos os lugares inclusive nos outros países francófonos como sexista A esquerda e a direita pretendem com evidente má fe que de repente na expressão direitos do homem o dito homem torna se generico ao passo que ele e sexuado dia e noite que de repente as pessoas compreendem que as mulheres estão incluídas no homem ! Mas evidentemente as pessoas não compreendem nada disso e quando a liga dos direitos do homem lembra que os direitos da mulher fazem parte dos direitos do homem (1)⁶ temos a prova de que esses direitos das

⁶ Cf LE DOEUFF M *Nouvelles Questions Feministes* v 13 n° 1

mulheres são outra coisa e que mesmo com uma série de explicações notas e aditamentos constantes cansativos e nada convincentes os direitos do homem valem apenas para os homens do sexo masculino

Por outro lado se esses componentes não tivessem mudado em nada a questão do lugar do feminismo nem entraria em discussão Estamos pois diante de uma situação que sem ser radicalmente diferente da anterior já que a questão do feminismo é resolvida convidando-se uma mulher aliibi para falar de assuntos restritos também não é totalmente idêntica o feminismo está longe de ser um assunto fundamental e premente na vida da esquerda mas tem de ser levado em conta

Já se sabe que para dançar tango são necessários dois. Um e outras podem sonhar e descrever seu mundo ideal no mundo ideal das feministas todos são feministas. Mas na realidade é o mais forte que dita suas condições. E não há dúvida de que diante de uma esquerda mesmo decomposta mas com décadas de tradição e de organização o movimento feminista não está em pé de igualdade

Nunca estive e hoje menos do que nunca. Sempre estive dividido na França mais que em outros países tanto no plano ideológico como no organizacional. As tentativas de sua ala radical para imaginar um funcionamento diverso do da representatividade piramidal clássica fracassaram não houve outro tipo de coordenação. Mas a organização clássica e piramidal da tendência luta de classes não a protegeu no decorrer do tempo do esfacelamento e da desmobilização

O paradoxo dessa situação é que o refluxo do movimento feminista que na França é gírfante acontece em paralelo a crise generalizada da esquerda crise do militantismo crise de valores. Não só em paralelo mas como expressão do mesmo fenômeno de fundo conhecido como o fim das ideologias. SIC Convém acentuar o sic porque o chamado fim das ideologias e de fato o retorno flagrante da ideologia conservadora. Vamos deixar de lado por enquanto este parenteses e continuemos com o paradoxo embora a crise do feminismo faça parte da mesma crise que atinge a esquerda e provoque projetos de recomposição ela deixa o feminismo que nunca foi tão forte em situação nitidamente mais fraca que a dos outros componentes potenciais dessa reestruturação

Concretamente frações de sindicatos podem negociar com frações de partidos cada um tem filiados jornais redes dinheiro menos do que desejam mas com certeza mais do que os poucos grupos feministas que sobraram

Em busca da universalidade perdida

Em certo momento o movimento feminista pretendeu ou sonhou ser global. Já muito se criticou a falsa universalidade da esquerda (e aliás da direita) que trata da metade da humanidade como se estivesse se referindo a toda a humanidade. É a falsa universalidade que como todas as hegemonias

que se exibem sob a máscara do universal descredita a própria noção de universal e justifica as ideologias diferencialistas separatistas e nacionalistas. Nos, as feministas, vamos atingir o universal, a verdade, haveria um ponto de vista feminista sobre cada assunto. Mas esse objetivo era sempre adiado porque havia algo mais urgente: tratar da situação da mulher. Se não tratássemos disso, como tanto a direita, o que não é de admirar, quanto a esquerda, o que é lamentável, não o haviam feito, não o faziam e não o fariam, ninguém mais o faria. Essa concentração sobre a situação da mulher era sinal de feminismo autêntico. As esquerdistas que em 1970 queriam que fossemos gastar nossas fracas energias em favor dos palestinos ou dos trabalhadores imigrados eram vistas como recuperadoras (o que eram de fato). Ninguém se preocupava conosco, ninguém ia cair no conto do pronto socorro, vocês a gente atende depois, depois da libertação deste ou daquele povo, depois do fim do racismo, depois da liberação dos proletários, depois da Revolução, enfim, **depois de tudo**. Movimento feminista significava: somos tão importantes quanto os outros, significava também: não vamos esperar mais que outros se interessem por nós, vamos nos interessar por nós.

Mas justamente porque a tarefa era tão longa, tão exigente, porque há tanta coisa a questionar, a repensar, a fazer, e como somos as únicas que se interessam por isso, não sobrou muito tempo para dedicar a outros assuntos.

Ora, um dos resultados paradoxais desse fato é que delegamos implicitamente ao resto da esquerda, ou de modo geral aos partidos tradicionais, a reflexão e a ação sobre os outros assuntos. Em parte, foi por isso que algumas feministas nunca deixaram os partidos tradicionais, porque só lá esses outros assuntos eram abordados.

Essas questões costumam ser chamadas gerais, como se a questão da mulher fosse particular. Não. Ela não é mais particular que a questão do imperialismo, que a do racismo, que a do capitalismo, que a do meio ambiente, ou que a do produtivismo. Nenhum tipo de opressão e de exploração é mais particular que outro. Mas as questões que não são as da mulher costumam ser pensadas, ou são ainda pensadas, como constituindo, no conjunto, **A** política, ao passo que o feminismo é visto, no máximo, como ultrapassado e desnecessário, ou, na melhor hipótese, como uma questão de sociedade (os costumes, o rock, a cultura dos jovens), sem *status* político.

O fato de as instâncias onde se tratam as outras questões não integrarem a questão feminista não prejudicou até agora o *status* político dessas instâncias, ao passo que o fato de as feministas não terem uma doutrina sobre as outras questões concorre para a percepção do feminismo como marginal, ou até fora do campo político.

O mesmo fenômeno pode ser observado com referência ao movimento ecológico, que é visto como voltado para um assunto restrito. Os ecologistas, porém, conseguiram transmitir a ideia de que esse movimento, pelo menos em potência, é de âmbito totalmente político. Seja como for, é um movimento sempre dividido entre duas injunções: posicionar-se no

campo político cujas prioridades e linhas de força foram definidas antes de sua chegada e ao aceitar essa definição tradicional de política correr o risco de relegar suas preocupações a posição secundária que elas ocupam nessa definição tradicional ou então insistir com firmeza no fato de a problemática ecológica conter em si uma mudança do conjunto da política quando menos não fosse pela reorganização das prioridades a que ela obriga

O movimento feminista com medo da diluição e da dissolução de seu conteúdo escolheu de fato privilegiar a primeira opção. Ora, isso tem consequências paradoxais. De um lado as feministas que querem tratar das outras questões não conseguindo fazer isso dentro do movimento, tem de fazê-lo nos partidos e nas organizações tradicionais. Mesmo quando esses partidos e organizações desistiram de recuperar o movimento o duplo militância e problemático para os indivíduos mulheres como para a instância mais fraca em termos organizacionais isto é o movimento feminista. De outro lado essa situação faz com que as feministas abandonem de fato as outras questões para outros partidos ou organizações tradicionais ou seja masculinos tanto em suas direções encarnadas (os homens) como em suas direções ideológicas (as ideias)

Isso não vale apenas para as feministas que praticam o duplo militância. Por falta de um posicionamento todas as feministas deixam objetivamente o terreno das outras questões para os homens. Tal fato não seria grave se essas outras questões se referissem aos homens. Mas é claro referem-se a todo mundo.

Chega-se assim a seguinte ironia a ideologia da separação das esferas denunciada pelo movimento feminista aos homens o exterior o domínio público as mulheres o interior e o privado é reproduzida de certo modo no campo político. Verifica-se nestes últimos cinquenta anos na política institucional as poucas mulheres que participam dos governos são chamadas a tratar das questões sociais da família da saúde

Que essa divisão do trabalho subsista no âmbito político mais amplo e seja de forma tácita confirmada pelo próprio movimento feminista cuja ambição era abolir essas separações e reorganizar o conjunto das prioridades políticas é mais preocupante. Como entregar a política exterior a posição para com o Terceiro Mundo a defesa e a organização do assalariado a opção pro ou contra o produtivismo na mão de partidos e organizações tradicionais?

Algumas feministas seriam levadas a responder que nada tem a ver com isso. O que não é verdade estamos envolvidas nisso tudo a duplo título. Primeiro porque as opções feitas pelos governos seja em referência a coleta do lixo seja em referência a energia afetam o presente a vida cotidiana de todo mundo depois porque na democracia parlamentar ao votar e **também** ao não votar confirmamos essas opções e como se tivéssemos feito essas escolhas. Enfim essas opções quaisquer que sejam e a respeito do que quer que seja sempre tem repercussões próximas ou longínquas imediatas ou mediatizadas sobre o lugar da mulher na sociedade.

E mais que irônico que um movimento que por princípio questiona a lucidez masculina e no seu discurso costuma considera-la como totalmente ausente ou até pervertida entregue-se na realidade a loucura dos homens para decidir sobre todos esses assuntos cruciais

Mas o que fazer? O movimento feminista encontra-se no mesmo dilema dos ecologistas: adaptar-se a definição política dominante sob pena de perder a alma. A ênfase está na opressão das mulheres, como também o potencial criativo dessa ênfase: isto é, o questionamento das prioridades tradicionais e a possibilidade de chegar um dia a uma lista não apenas organizada de outra maneira, mas também substancialmente modificada? Ou continuar a manter obstinadamente sua reflexão?

Esta última opção não é fechada em termos de resultados a longo prazo. Porque tal reflexão, acompanhada de uma ação, sempre a descobrir novas facetas, uma nova profundidade a opressão de gênero (convenha lembrar, por exemplo, a linha que vai da luta pelo aborto à denúncia do estupro e atualmente do incesto, o que desmantela a pseudonaturalidade do âmbito privado) muda forçosamente a visão que se tem do conjunto da sociedade, portanto, das linhas de força e dos mecanismos de todos os sistemas de dominação. É virtual portadora de uma redefinição da sociedade logo da coisa pública.

Mesmo assim, não basta redefinir, num canto, a sociedade e as tarefas que a coisa pública deveria atribuir-se, e preciso convencer os outros da validade dessa visão para que a política mude efetivamente. Se os outros não forem convencidos (e os outros são os não feministas de todos os sexos), o movimento feminista permanecerá especializado numa questão que continua a ser considerada menor ou a ser acrescentada no final de uma lista pre-estabelecida, lista que, aliás, garante que a questão vai permanecer menor.

No atual estado de coisas, com o movimento feminista em recuo e no limite da inexistência sob o aspecto da relação de forças que ele pode criar com os outros componentes políticos, não só não consegue convencer os outros da validade de uma nova visão global, mas nem mesmo tem capacidade para desenvolver essa visão global. Ele está, por necessidade, crispado na defesa de conquistas que sofrem contínuo questionamento por causa de seu refluxo. Pelo mesmo motivo, ele é o único que defende essas conquistas, as outras forças políticas já nem fingem que as consideram importantes, e nisso exaure todas as suas forças.

Enfim, cabe perguntar-se, sobre os outros assuntos, existe forçosamente um ponto de vista feminista, ou da mulher, e se existir, se é uma coisa boa. Por exemplo, o posicionamento político sobre a defesa nacional. Haverá diferença entre a oposição à guerra, a última foi a do Golfo - feita por uma mulher ou um homem, feminista ou não? Muitas mulheres defendem um militantismo pacifista a parte em nome de uma sensibilidade que seria específica da mulher. Tal abordagem pode exemplificar o que seria uma visão política ao mesmo tempo geral e feminista, isto é, não tratando apenas e

unicamente da mulher mas partindo de um ponto de vista feminista ou da mulher

De fato ficou amplamente provado que na historia as mulheres foram tão belicosas quanto os homens e que as mesmas condições sociais a posição de mãe e esposa levam tanto a posições belicistas como a posições pacifistas

Raizes e fontes

Por outro lado essa análise despreza conquistas teóricas do feminismo ou seja que as reações das mulheres dependem de sua situação na sociedade e pouco ou nada tem a ver com uma suposta natureza. Além disso toda referência a natureza a diferença revela se intrinsecamente perigosa no plano político sempre foi e será utilizada de forma dominante e sobre o modo dominante para justificar que as mulheres nada tem a dizer nos campos reservados aos homens e devem ocupar se exclusivamente de seus (pequenos) negócios porque foi inventada no fim do século XVIII por Jean Jacques Rousseau entre outros precisamente para isso e para suprir a falencia da ideologia do direito divino que justificava a desigualdade com uma autoridade nunca mais igualada. É a existencia de uma corrente da diferença no interior do proprio feminismo e o sinal impossível de desenvolver aqui de que as mulheres não estão convencidas de seu estatuto humano o que explica que elas não estejam mais convencidas que os outros de sua legitimidade política⁷

Entretanto os postulados do feminismo mais geral aqueles que compoem o tronco comum das reivindicações feministas ao longo das épocas conferem-lhe a possibilidade de ter um ponto de vista exato sobre o conjunto das questões políticas o que não significa que esse ponto de vista seja estrito e unicamente feminista e não possa aliar se e até confundir se com outros

O feminismo não é uma entidade *sui generis* sem relação com coisa alguma porque a opressão das mulheres é específica qual opressão não é específica? não se conclui que as causas dessa opressão devam ser buscadas numa especificidade de suas vítimas nem que os motivos de revolta das ditas vítimas sejam específicos. É a popularidade desse sofisma que explica o sucesso da escola da diferença

Os motivos de revolta a suma do feminismo são a aspiração a liberdade o espírito de justiça o odio a iniquidade e a arbitrariedade o respeito ao que é humano e ao individuo. A mera aplicação desses principios bastaria para que o feminismo tivesse sobre qualquer questão uma posição ao mesmo tempo sua (não tirada de ninguém) e coincidente com a dos movimentos partidos organizações etc que partilham os mesmos valores

⁷ Ver ARMENGAUD F. *Nouvelles Questions Feministes* v 13 n°2 GASPARD F. SERVAN SCHREIBER C. & LE GALL A. *Au Pouvoir Citoyennes!* Paris Le Seuil 1992

Por exemplo no que se refere a politica exterior nao e preciso ter uma anatomia feminina para perceber que a Guerra do Golfo era como o e sua continuacão velada pelo bloqueio uma das manifestações a mais espetacular mas nao a unica do imperialismo americano e em geral ocidental Não e como mulheres e menos ainda como maes que algumas feministas fizeram manifestações contra essa guerra Nao a razao da presença dessas feministas era apenas o fato de ser uma guerra injusta

Aplicar aos outros os principios pelos quais se deseja ser governado e a base de todo pensamento progressista E um egoismo bem compreendido pois como propor a igualdade se nao a praticarmos? Ora essa base não encontra seu proprio fundamento apenas num raciocinio pragmatico e quase cinico mas numa crença profunda na unidade e na necessaria solidariedade do genero humano porque e essa solidariedade que nos torna plenamente humanas

Mas os homens progressistas a despeito de notaveis porque raras exceções nao seguiram esse principio e e compreensivel que as feministas tambem nao o façam e que o que resta do movimento feminista ja dividido por multiplass linhas de fratura se ache hoje dividido a respeito da nova ordem mundial Essa divisao e nova porque a pratica ocidental e hoje explicita e o imperialismo nem procura mais se disfarçar mas nao e surpreendente porque o feminismo não chegou a construir uma filosofia nem mesmo a discussao pelo menos na França sobre as implicacoes de um feminismo consequente no que se refere a geopolitica isto e as relações entre os Estados Alias por que e como o teria feito quando no conjunto do mundo politico ninguem mais sabe a que santo recorrer?

O deslocamento para a direita de todo o jogo politico assim como de toda a reflexao foi o que marcou os anos 80 seja nos Estados Unidos na Inglaterra ou na França Mas neste ultimo e infeliz pais o deslize para a direita foi acompanhado de uma confusao mental De fato nos outros paises sao os conservadores os Reagan e as Thatcher que defendem ideologias conservadoras as coisas seguem a ordem e a esquerda mesmo enfraquecida pode ate em sua fraqueza numerica conservar se fiel a si mesma Mas na França a esquerda institucional constituiu se como uma coalizao *ad hoc* voltada para a tomada do poder um agrupamento ideologico muito amplo e muito frouxo Movimentos diversos de pessoas destruíram as linhas que separavam a social democracia da extrema esquerda

Entao quando depois de chegar ao poder essa esquerda institucional que nem mais podia ser renegada pela extrema esquerda pois se achavam estreitamente misturadas nao apenas os pinceis mas tambem os homens (parafraaseando as expressoes preferidas destes ultimos) quando essa esquerda unida reabilitou o capitalismo transformou os empresarios em herois dos tempos modernos fez o elogio da concorrência introduziu o indice Dow Jones no canal oficial de televisao logo apos a meteorologia (que tempo vai fazer amanhã e como vão minhas ações na Bolsa de Toquio questões que atormentam todos os franceses e francesas) endeusou a balança do

comercio exterior fez com que a população aceitasse o sacrificio de tres milhoes de individuos (as desempregadas e os desempregados) para o maior bem da competicao economica com seus proprios parceiros europeus quando essa esquerda desprezando os fatos continua a dizer que o conjunto da populacao sera beneficiado um dia ao passo que os numeros mostram que e um punhado de capitalistas que ganha com isso quem consegue resistir a duvida ao desanimo ou ao silencio prego da cumplicidade no passado?

Quando e a esquerda que promove uma visao elitista e cruel de um universo impiedoso os fortes (nao se diz a custa de quem eles se tornaram fortes) acabam saindo se bem enquanto os outros quando e a esquerda que tornou caducas e vergonhosas no espaco de uma geracao as nocoes de revolucão de justica de igualdade quem ainda tem coragem de se dizer de esquerda?

Torna se claro que os fatores de decomposicao da esquerda e do feminismo sao em parte os mesmos e nem por isso os dois passam a se entender alem dos obstaculos pre existentes surgem hoje as investidas de uma ideologia reacionaria Porque se trata de fato de uma ideologia Em nome da realpolitik a esquerda vocifera com os lobos neoliberais e em nome do fim das ideologias apoia interpretacoes pseudo realistas Mas e a esquerda que instala ministerios da caridade e chora lagrimas de crocodilo sobre a crescente miseria do Terceiro Mundo apresentada como fenomeno inevitavel enquanto o Terceiro Mundo continua a um custo cada vez maior para ele a nos enriquecer (nos o FMI nos os capitalistas) pelo pagamento de juros de uma divida asfixiante Hoje e a esquerda que entoa esse refrão inacreditavel repetido por toda a midia sobre a equivalencia entre mercado e democracia bobagem sofisma absoluto que um simples olhar em torno do mundo e antes de tudo na Franca bastaria para desmontar uma ideologia apresentada como nao ideologia e baseada num jogo de palavras (Ah! Lacan voce ainda nao morreu!) entre a liberdade das empresas e a dos cidadões(ãs) Como entao ousar ainda falar e ate pensar diferente? Quando de dentro da propria esquerda surgiu esse mito do fim das ideologias ficaram desacreditadas todas as interpretacoes progressistas ou mais modestamente humanistas do mundo

Como assim discutir o lugar do feminismo na esquerda recomposta?

Ha inumeros problemas talvez mais do que os aqui brevemente assinalados Em teoria a esquerda e necessariamente feminista se quiser ser fiel a seus principios e o feminismo e forçosamente de esquerda se quiser ficar fiel aos seus que sao teoricamente os mesmos Mas na realidade os grupos e movimentos constituídos sobre bases ideologicas logo se tornam grupos de pressao reuniao de interesses particulares que favorecem esta ou aquela categoria e permanecem cegos a opressao das outras apesar das declarações de principios O feminismo independente surgido da revolta e reforçado pela cegueira e indiferença deliberadas da esquerda quanto a opressao da mulher corre o risco de seguir a mesma via

E de quem estamos falando? O esfacelamento da esquerda já demonstrado por sua virada maciça para a direita ficou confirmado pela Guerra do Golfo a respeito da qual a divisão das opiniões não obedeceu a nenhuma das linhas habituais: houve adversários e partidários dessa guerra em **todos** os grupos, movimentos e partidos, voou em pedaços o que pudesse haver de unidade aparente na esquerda, na direita, no feminismo.

Por isso não se pode mais falar de esquerda, nem de recomposição da esquerda, com a inclusão ou não do feminismo, mas de criação de uma nova constelação política.

E pode-se imaginar essa criação como um agrupamento de interesses setoriais, com cada componente sendo especializado em uma questão e defendendo o seu, como os *lobbies* no Congresso? Ou será preferível imaginar a criação de algo que estaria à esquerda do que existe em termos de acordo básico sobre um quadro moral e filosófico? Esta última possibilidade é a única que forneceria um alicerce à unidade ideológica que o termo à esquerda pressupõe, também supõe que os componentes não feministas da esquerda, assim como o feminismo, evoluam muito e depressa, um em relação ao outro e ambos na mesma direção.

Não se trata de recomposição, mas de recriação ou renascimento. Seja como for, é um processo que exige muito mais que um mero salto, um impulso de imaginação e de inventividade que nos tire do século XIX no qual ainda estamos mergulhados(as) e nos traga pelo menos até o presente, e se possível, prepare o futuro.

TRADUÇÃO DE ESTELA DOS SANTOS ABREU



LUA NOVA

REVISTA DE CULTURA E POLITICA

Nº 32

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Artigos de

Amélia Cohn, Asa Cristina Laurell,

Philippe Van Parijs, Gilson Schwartz, Samuel Freeman,

Ronaldo Porto Macedo Jr, Brasílio Sallum Jr

ULTIMOS NUMEROS PUBLICADOS

Nº 31 QUALIDADE DE VIDA

Nº 30 DIREITO E DIREITOS

Nº 28/29 ESTADO, REFORMAS E
DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES
E ASSINATURAS

codoc

Rua Airosa Galvão 64
Água Branca
CEP 05002 070
São Paulo – SP
Tel (011) 871 2966
Fax (011) 871 2123